

Dorothy Wickenden, editora executiva da *The New Yorker* e uma das mulheres mais influentes no jornalismo, comanda uma revista que traz artigos sobre política, negócios, crítica literária, ficção, poesia, arte e política externa e interna. É também moderadora do *podcast* semanal “The Political Scene”, faz parte do corpo docente do The Writers’ Institute no CUNY’s Graduate Center, onde ministra um curso de não ficção narrativa, e também escreveu para *The New Yorker*, *The Wall Street Journal*, *The New Republic*, *Washington Post* e *Wilson Quarterly*. Wickenden é editora de *The New Republic Reader: Eighty Years of Opinion and Debate*, uma compilação dos melhores trabalhos de alguns dos principais colaboradores da revista, incluindo George Orwell, Rebecca West, John Dewey, Arthur M. Schlesinger e muitos outros. Vive com o marido e duas filhas em Westchester, Nova Iorque.



**Harriet Tubman, Frances Seward e Martha Wright:
três cúmplices improváveis na busca
pela abolição e pelos direitos das mulheres.**

Tubman era uma escrava fugitiva analfabeta, Wright era uma mãe *quaker* de classe média de sete filhos, e Seward era a esposa aristocrática e a consciência moral de seu marido, William H. Seward, que atuou como secretário de Estado de Lincoln. As três se recusaram a cumprir as leis que negavam a elas os direitos garantidos aos homens brancos, e se apoiaram mutuamente enquanto trabalhavam para acabar com a escravidão e garantir a cidadania plena para negros e mulheres.

Com uma narrativa extraordinariamente convincente, *As agitadoras* traz uma nova perspectiva vívida para as épicas histórias americanas de abolição, do ativismo pelos direitos das mulheres e da Guerra Civil.



DOROTHY WICKENDEN

AS AGITADORAS

DOROTHY WICKENDEN



AS AGITADORAS

Frances Seward · Harriet Tubman · Martha Wright



*Três amigas que lutaram pela abolição
e pelos direitos das mulheres*



As agitadoras começa quando Harriet Tubman ainda é escrava e Frances Seward e Martha Wright são jovens mulheres que se opõem a seus papéis tradicionais. Termina décadas mais tarde, depois que os filhos de Wright e Seward – e a própria Tubman – participaram de três dos confrontos decisivos da Guerra Civil. Por meio dos relatos sarcásticos e angustiados dos protagonistas, reconstruídos a partir de suas cartas, diários e aparições públicas, vemos os debates mais explosivos da época e retratos de homens e mulheres cujos caminhos elas cruzaram: Lincoln, Frederick Douglass, Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony, Harriet Beecher Stowe e outros. Tubman, abraçada por Seward e Wright e pela rede radical de reformadores no oeste do estado de Nova Iorque, se estabelece em Auburn e passa a segunda metade de sua vida lá.

AS AGITADORAS

Três amigas que lutaram pela abolição
e pelos direitos das mulheres

DOROTHY
WICKENDEN

AS AGITADORAS

Três amigas que lutaram pela abolição
e pelos direitos das mulheres

Tradução
Débora Isidoro



Principis

Copyright © 2021 by Dorothy Wickenden

© 2021 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original
*The Agitators: Three Friends Who Fought
for Abolition and Women's Rights*

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Dorothy Wickenden

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Débora Isidoro

Design de capa
Ana Dobón

Preparação
Walter Sagardoy

Imagens
BLMason/shutterstock.com
spatuletail/shutterstock.com

Revisão
Maitê Ribeiro

Inman, Henry. *Frances Adeline Miller
Seward*. 1844. Óleo sobre tela.
Horatio Seymour Squyer, 1848/ National
Portrait Gallery (Harry Tubman)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W636a Wickenden, Dorothy

As agitadoras: três amigas que lutaram pela abolição e pelos direitos das mulheres / Dorothy Wickenden ; traduzido por Débora Isidoro. – Jandira, SP : Principis, 2021.

416 p. ; 15,5cm x 22,6cm.

Tradução de: *The agitators: three friends who fought for abolition and womens rights*

ISBN: 978-65-5552-547-2

1. Literatura americana. 2. Biografia. 3. Abolição. 4. Direitos das mulheres. I. Isidoro, Débora. II. Título.

2021-2103

CDD 810

CDU 821.111(73)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana 810

2. Literatura americana 821.111(73)

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

“Agora, nenhuma concessão do Sul será útil para conter a torrente. Nenhum acordo será feito com a escravidão de pretos ou brancos. Deus ouviu as preces dos oprimidos, e uma temível retribuição aguarda o opressor.”

– *Frances A. Seward, abril de 1861*

Sumário

Prólogo.....	9
Parte Um – Provoações (1821-1852)	11
Uma herança de Nantucket (1833-1843).....	13
Uma jovem dama de posses (1824-1837)	32
Fuga de Maryland (1822-1850).....	52
O julgamento de Freeman (1846).....	64
Mulheres perigosas (1848-1849).....	73
Frances vai a Washington (1848-1850).....	85
Martha fala (1850-1852)	102
Parte Dois – Levantes (1852-1860)	109
Frances se associa à ferrovia (1851-1852).....	111
Lendo <i>A cabana do Pai Tomás</i> (1852-1853).....	124
A cruzada de Harriet Tubman em Maryland (1851-1857).....	137
A corrida ao Território (1854).....	145
Kansas sangra, Sumner sangra (1854-1856).....	152
Frances vende uma casa para Harriet (1857-1859).....	161
Martha lidera (1854-1860).....	175
General Tubman vai a Boston (1858-1860).....	186
As agitadoras (1860).....	196

Parte Três – Guerra (1861-1865).....	205
“Sem acordo” (1861).....	207
Uma nação em chamas (1861-1862)	223
Harriet vai a Port Royal (1862)	234
Hinos de Batalha (1862).....	244
A guerra de Harriet (1863)	260
Willy Wright em Gettysburg (março-julho, 1863)	278
Um poderoso exército de mulheres (1863-1864)	288
Filhas e filhos (1864)	297
Parte Quatro – Direitos (1864-1865).....	313
E Pluribus Unum (1864-1865)	315
Retribuição (1865)	321
Desobediência civil (1865).....	336
Erros e acertos (1865-1875).....	343
Epílogo	359
Referências	365



Prólogo

O cemitério Forte Hill, bem acima da cidade de Auburn, no centro do estado de Nova Iorque, é um daqueles cemitérios apertados e limitados por cercas, frequentemente encontrados atrás de igrejas antigas, com lápides marcadas pelas condições climáticas e afundando na terra. Em um terreno antes ocupado por uma fortaleza construída pela Nação Cayuga, ele cobre uma área de oitenta e três acres de grama e floresta antiga. Forte Hill preserva parte da vida selvagem que havia na região, quando os primeiros pioneiros brancos chegaram depois da Guerra Revolucionária, e é tão amplo que muitos túmulos, obeliscos e criptas, como as várias pessoas homenageadas por eles, foram quase escondidos pela paisagem. Neste cemitério foram enterradas três mulheres cuja história de insubordinação contra a escravidão e a opressão das mulheres nunca foi contada: Harriet Tubman, Martha Coffin Wright e Frances A. Seward.

A maior parte da história americana é feita por pessoas pouco conhecidas que viveram longe de Washington. Ao longo de uma década nos anos de 1850, quando Auburn era um próspero centro comercial e homens brancos e ricos pareciam destinados a governar o país para sempre sem

serem contestados, Harriet Tubman era uma escrava fugitiva sem nome que arriscava a vida várias vezes voltando à Costa Leste para guiar cerca de setenta escravos para fora de Maryland, por Delaware e Pensilvânia, de Nova Iorque e Canadá. Pouco depois de se libertar, Tubman conheceu Martha Wright e Frances Seward, que moravam em Auburn, a meio caminho de uma de suas rotas ferroviárias subterrâneas mais percorridas. Wright, uma *quaker* classe média e mãe de seis filhos, ajudou a organizar a Convenção Seneca Falls de 1848, a primeira reunião pelos direitos das mulheres na América. Seward era a rica esposa do político antiescravagista William H. Seward, que, admirado por uns e desprezado por outros, passou de governador de Nova Iorque a senador dos Estados Unidos, e depois a Secretário de Estado no governo de Abraham Lincoln. Quando Martha Wright e Frances Seward conheceram Tubman, estavam no meio de um processo de transformação de donas de casa tradicionais em insurgentes que lutavam pelo fim da escravidão e pela dignidade e igualdade de todos os americanos.

Tubman viu Wright e Seward como duas associadas de confiança, e elas deram força e inspiração umas às outras. Nas décadas seguintes, essas mulheres, sem nenhum poder evidente para mudar alguma coisa, tornaram-se cúmplices de uma conspiração e amigas íntimas, protagonistas de uma história invertida sobre a segunda revolução americana.

Parte Um

Provocações
(1821-1852)



Uma herança de Nantucket

1833-1843

A mente rebelde de Martha Coffin Wright tinha suas origens em um lugar onde ela nunca viveu: uma ilha de contorno irregular, curva como um anzol, de pouco mais de vinte e três quilômetros de comprimento a cerca de quarenta e cinco quilômetros da costa de Massachusetts. Ela raramente encontrava uma instituição que não questionasse, e embora a convenção determinasse a maior parte das circunstâncias de sua vida, gostava de quebrar regras e depois explicar por que não tivera alternativa. Seus pais, Anna Folger Coffin e Thomas Coffin, eram descendentes *quakers* de dois dos primeiros colonos ingleses que fugiram da Colônia da Baía de Massachusetts para não se submeterem às multas, aos castigos e às sentenças de prisão que o clérigo Puritano impunha a qualquer um que desafiasse os dogmas da igreja. As mulheres de Nantucket tratavam como normal e certa sua condição de igualdade com os homens. Mary Coffin Starbuck, tia-trisavó de Martha, administrou o primeiro armazém geral da ilha, instalado em sua casa na rua Fair, e negociava com os índios Wampanoag: ferramentas, roupas, sapatos e chaleiras em troca de peixe e

penas. Em 1708, Starbuck organizou a primeira reunião da Sociedade de Amigos na ilha, e tornou-se ministra, posição vetada às mulheres de outras denominações. Os *quakers* de Nantucket se opunham à escravidão, que era legal em todas as treze colônias, e organizavam reuniões para defender a abolição. Como patrocinadores do negócio baleeiro, eram frugais e voltados para o lucro, ao mesmo tempo.¹

A família Coffin era um matriarcado chefiado pela mãe de Martha, Anna, e sua pequena, mas indomável irmã Lucretia Coffin Mott, catorze anos mais velha que Martha. Anna cuidava de sua lojinha e ensinava os filhos a se oporem à escravidão e praticarem o “estilo Nantucket”, as relações sociais e comerciais igualitárias praticadas na ilha. O pai de Martha, Thomas, foi capitão baleeiro como seus ancestrais, uma das profissões mais perigosas do mundo. Uma baleia arpoada pode virar um barco de arpoadores com um único golpe da cauda. Em 1800, Thomas mudou para o ramo um pouco mais seguro do comércio; comprava peles de foca nos portos sul-americanos e as trocava na China por tecido macio de *nankeen* e seda, chá e porcelana. Mas ele passava anos fora de casa, e finalmente a família se mudou para Boston, onde Thomas começou a trabalhar com importação. Martha, a última de seus cinco filhos vivos, nasceu lá no dia de Natal de 1806. Três anos mais tarde, os Coffin se mudaram para a Filadélfia, e Thomas comprou uma fábrica que produzia pregos.²

Os *quakers* na Filadélfia tinham a própria tradição antiescravagista, mas era fragmentada. Muitos Amigos tiveram escravos até 1775, quando a reunião *quaker* na cidade convocou todos os membros que não tinham libertado os seus a libertá-los. Naquele ano os *quakers* lideraram a fundação do primeiro grupo abolicionista na América: a Society of the Relief of Free Negroes Unlawfully Held in Bondage*. Em 1789, o idoso Benjamin Franklin, antigo proprietário de dois escravos, era presidente da sociedade, cujo nome havia mudado para Pennsylvania Abolition Society**, que trabalhava com a Free African Society*** para criar escolas para negros e

* Sociedade para o Alívio dos Negros Livres Mantidos Ilegalmente em Cativoiro. (N.T.)

** Sociedade Abolicionista Pensilvânia. (N.T.)

*** Sociedade Africana Livre. (N.T.)